

Pode tocar, 2022

Clara Bakker



Fig. 01: "pode tocar nº 23",
2022.

Verso do
bordado,
20×20 cm.

Desde a primeira vez que utilizei a linha em um trabalho artístico, nunca mais me descosturei de suas possibilidades plásticas. Assim, desenvolvo a abstração através da pintura, do bordado e da costura. Enquanto artista, e também professora de artes, acredito na relação trabalho-espectador como assunto primordial. Afinal, já que o processo artístico se faz no campo da troca, explorar a linha possibilita a conexão com as matriarcas costureiras e bordadeiras que atravessam nossas vivências.

Busco explorar cores, formas e texturas em minha pesquisa artística, caminho pela abstração como um exercício de experimentação. Acredito em uma produção constante para desenvolver a criatividade, porque dessa forma entendemos que a arte é possível e não existe tempo, espaço ou momento para realizá-la, basta experimentar a criação e todas as possibilidades que a abstração permite. Meus bordados surgem, então, como um mergulho. Através de um processo íntimo de imersão, enquanto bordo, conecto-me com as histórias de mulheres que passaram a se expressar através das linhas. É a partir das costuras, bordados, rendas e outras manifestações têxteis que inúmeras mulheres constroem sua subjetividade artística. Bordar é, portanto, estar em contato com histórias revolucionárias.

Fig. 02: "pode tocar nº 12",
2022.

Bordado,
15x15 cm.



Ao longo de dez meses realizei 61 trabalhos, dentre eles aquarelas, bordados e acrílicas costuradas e bordadas, que expus como conclusão da minha graduação no curso de Pintura pela Escola de Belas Artes

da UFRJ. Logo, a instalação *PODE TOCAR* surgiu como um convite para a troca. Através do toque, o espectador poderia conectar-se com minhas criações relacionando-se com as texturas. Tal experiência resultou em um retorno muito afetuoso.



Fig. 03:
"pode tocar
nº 49", 2023.

Bordado,
20×20 cm.



Fig. 04:
"pode tocar
nº 23", 2022.

Bordado,
20×20 cm.

Realizei a exposição do dia 22 de maio ao dia 2 de junho de 2023 na Galeria Macunaíma, localizada dentro do Ateliê de Pintura. Contudo, no dia que fui desmontar a exposição, constatei que quatro bordados meus haviam sumido. Os nylons que os penduravam foram cortados e como possuíam entre 15 cm e 20 cm, não houve dificuldades para o roubo. Após notar o ocorrido fui prestar queixa no Centro de Letras e Artes (CLA) e relatar o furto por escrito. Lá fui informada que as câmeras do hall da Reitoria estavam desligadas por falta de verba da Universidade. É sabido que a Galeria Macunaíma não possui câmeras, o que é inconcebível, visto que são trabalhos extremamente importantes que são deixados naquele espaço. Ou seja, não tenho nenhuma prova que me ajude a recuperar os meus trabalhos.

É também de conhecimento geral que o estudante que expõe não tem a obrigação de ficar na Galeria e que nenhuma pessoa é encarregada de vigiar o local. Assim, existe a livre circulação para qualquer pessoa que queira visitar as exposições, já que a universidade é um espaço público. Portanto, para retirar as telas do prédio é necessário uma autorização, assinada por algum professor, que comprove que o trabalho pertence ao aluno que está o carregando. Entretanto, infelizmente, isso não funciona para trabalhos de pequeno formato.

Logo, se o prédio da Reitoria não dispõe de câmeras, atos de roubo e vandalismo são legitimados, pois não há nenhuma segurança que os impeça. É inconcebível que nós, alunos da EBA, sejamos violados dentro de nosso próprio espaço, que deveria ser um ambiente de criação e troca. Estamos vulneráveis. Na mesma semana, além do furto também houve atos de vandalismo, como pichações em trabalhos espalhados pelo prédio, causando outras grandes perdas.

É preciso que alguma medida seja tomada para que não ocorra mais nenhum roubo e nenhuma depredação. Agradeço a mobilização do Centro Acadêmico (CAEBA) por estar nessa luta e toda a movimentação dos estudantes que se solidarizaram com o ocorrido. A Escola de Belas Artes é um espaço público de arte, ocupado por pessoas que almejam se tornarem profissionais da área. Nós devemos ser respeitados e nos sentirmos seguros dentro dos ateliês, das salas de aula e do nosso prédio como um todo. Afinal, a universidade pública é um direito e a EBA um espaço de construção para o repertório cultural do nosso país.

Fig. 04:
"pode tocar
nº 2", 2021.

Bordado,
20x20 cm.



Rede de Retalhos, 2023.

Ana Sara Oliveira Zacarias
Manoela Carvalho
Vitória Luiza Carneiro de Souza
Sulamita Inácio Freire



Fig. 01:
"Rede de
Retalhos",
2023.

Cianotipia,
tinta acrílica
e bordado
sobre tecido,
45x45 cm.

Rede de Resistência

No dia 29 de junho de 2023, findamos uma das experiências mais importantes do início de nossas vidas como docentes. Na manhã do primeiro dia da SIAC, no hall dos elevadores do prédio da Escola de Belas Artes, compartilhamos com a comunidade acadêmica nossas vivências como estagiárias do Colégio de Aplicação da UFRJ, que se traduziram em um trabalho artístico chamado Rede de Retalhos. Infelizmente, no dia 31, nosso trabalho — que fazia parte da exposição do evento — foi **vandalizado**.



Fig. 02: "Rede de Retalhos", 2023; Vandalizado.

Rede de Retalhos

Rede de Retalhos parte da ideia de uma educação do sonho, não como algo distante ou utópico, mas como algo que se manifesta na ação, no fazer (RUFINO, 2021). O sonho nos move, nos faz pensar e criar alternativas, nos tira de uma educação de saberes hegemônicos e nos leva a um pensar pluriversal.

Um pensar pluriversal se faz presente quando há o reconhecimento e a valorização da infinidade de saberes que cada indivíduo carrega consigo. Tendo essas ideias em vista, criamos a intervenção artística *Rede de Retalhos*, para pensar as experiências de estágio no CAP — Lagoa como vivências em que as alteridades se complementam e se sustentam. Por meio do diálogo entre técnicas artísticas distintas — pintura, bordado e cianotipia — buscamos materializar as experiências de afeto e formação de vínculos que nos marcaram neste ciclo de nossa formação como docentes artistas.



Fig. 03: "Rede de Retalhos", 2023.



TEXTURISCO

SONHAR É UM
ATO DE
RESISTÊNCIA



afeto



O que em mim sen

Exposição na 12ª SIAC

Nós decidimos compartilhar com a comunidade acadêmica nossas vivências como docentes artistas através da 12ª SIAC, pois entendemos que a educação existe no encontro com o outro. Diante da grande importância que esta criação artística possui para nós, sua violação nos atingiu profundamente, pois representou um ataque à valorização e respeito à alteridade, ideias tão presentes em nosso trabalho.

Entretanto, nós não nos permitimos sucumbir e continuaremos a encontrar na educação artística formas de construir paraquedas coloridos (KRENAK, 2020, p.31), para assim, quem sabe, adiarmos o fim do mundo.

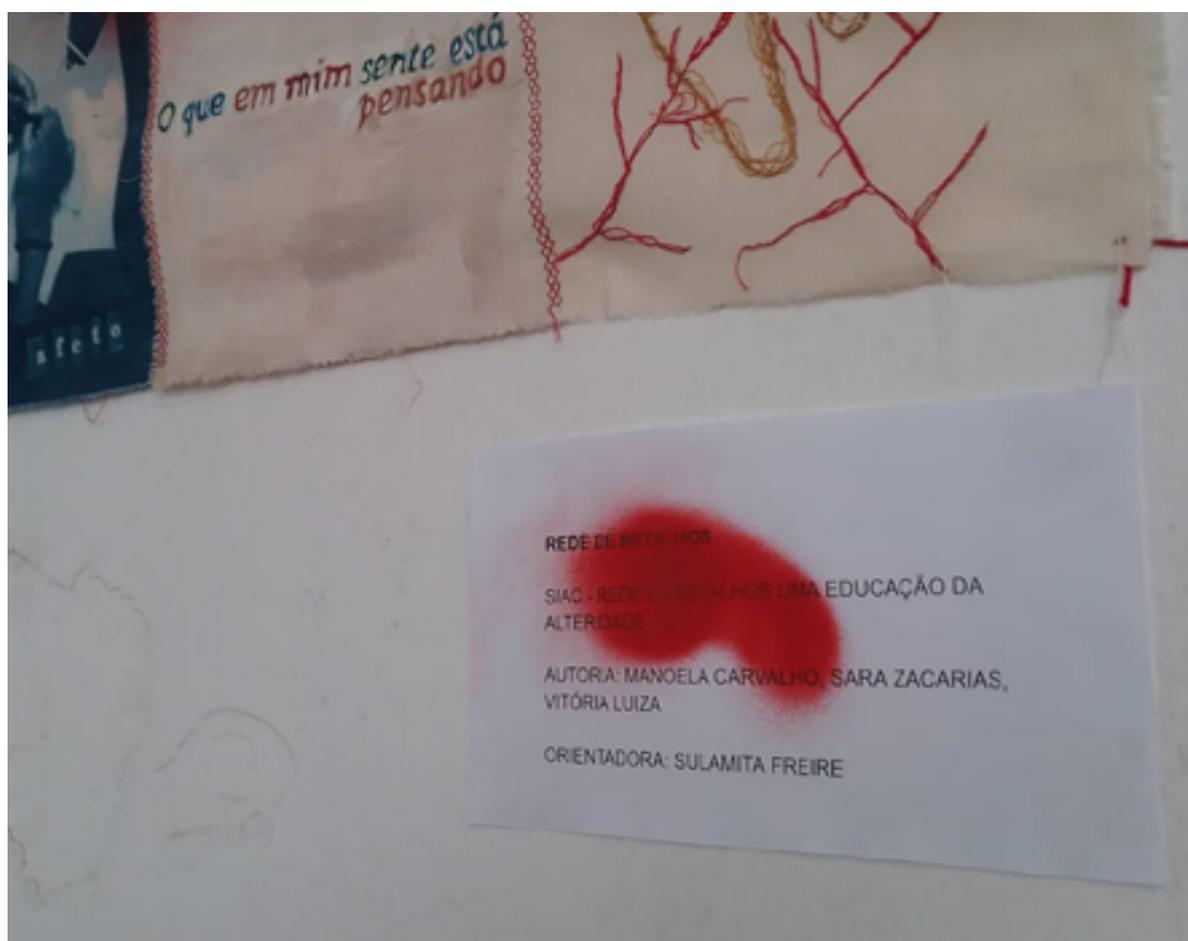
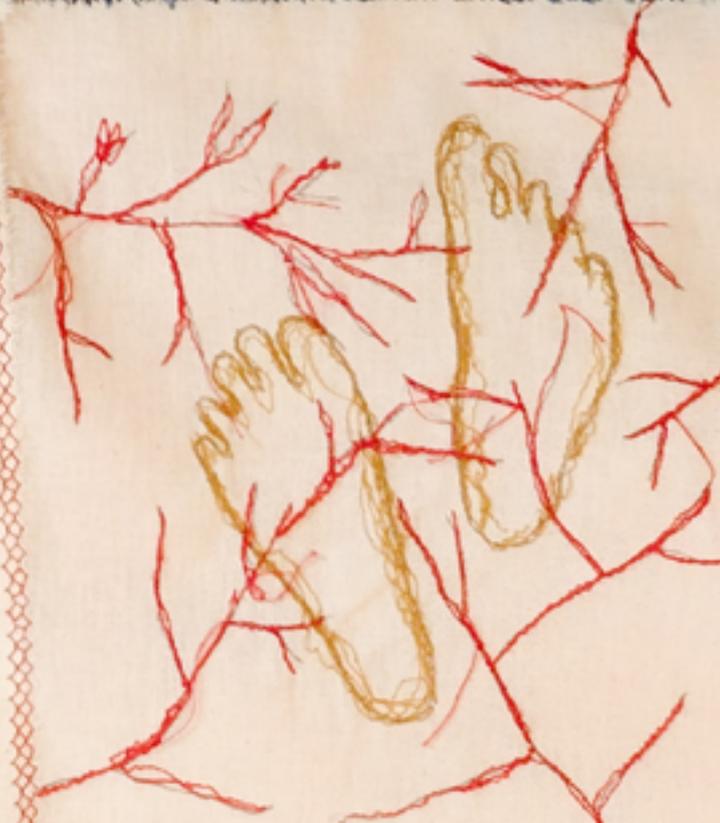


Fig. 05: "Rede de Retalhos", 2023; Vandalizado.

TEXTURISANDO



O que em mim sente está
pensando



Referências

RUFINO, Luiz. **Vence-Demanda: educação e descolonização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2020.